QUAL O ESTATUTO DA COMUNICAÇÃO? – APROXIMAÇÕES A PARTIR DE UM LEVANTAMENTO COM PESQUISADORES BRASILEIROS DA ÁREA[1]

GT9: Teoria e Metodologia da Pesquisa em Comunicação

Katrine Tokarski Boaventura[2]

Resumo

O trabalho apresenta os resultados de um levantamento realizado em 2013 com os pesquisadores brasileiros da Comunicação. A proposta foi buscar tendências quanto ao estatuto epistemológica da área. Uma vez que entre os poucos consensos de nossa área está o estatuto interdisciplinar da Comunicação, buscamos investigar se, mesmo após o surgimento de críticas a essa proposta, a interdisciplinaridade seguia gozando do mesmo prestígio entre os pesquisadores da área. A técnica metodológica empregada foi um questionário fechado aplicado por meio da ferramenta Google Docs. No período do questionário, 241 pesquisadores responderam às questões. Refletindo as tendências internacionais na área, grande parte dos que responderam são pesquisadores com formação em Comunicação. Entre as principais conclusões do levantamento podemos elencar o fato de que a maioria dos entrevistados considera que a área é transdisciplinar ou predominantemente interdisciplinar. Entretanto, podemos apontar também algumas contradições e um alto índice de incerteza quanto a esta proposta entre os que responderam.

---

[1] Trabalho submetido ao **GT Teoria e metodologia da investigação em Comunicação da Alaic 2014**.

[2] Universidade de Brasília (UnB) e UniCEUB, Brasília, Brasil. Professora substituta da UnB e efetiva do UniCEUB. Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília. E-mail: katrineboaventura@gmail.com.

Introdução

O presente trabalho tem que objetivo apresentar os resultados de um levantamento realizado entre os pesquisadores brasileiros da Comunicação sobre o estatuto da área, em 2013. Trata-se de uma pesquisa realizada por meio da técnica “questionário”, inserida no contexto de uma reflexão epistemológica sobre o estatuto da área. O trabalho visa melhor compreender a relação entre os posicionamentos quanto ao estatuto da área e um tipo de proposta interdisciplinar específico, o qual se propõe em oposição aos saberes constituídos.

Sobre o estatuto da Comunicação

A institucionalização das pesquisas sobre comunicação no Brasil se deu por volta dos anos 70, quando se estabelecem os primeiros programas de pós-graduação em Comunicação no país. Seis programas de Comunicação foram criados nas décadas de 70 e 80. Nas duas décadas que se seguiram, houve uma forte aceleração, com um total de 63 cursos de pós-graduação em 2013, incluindo doutorados, mestrados e mestrado profissionalizante. Diferentemente de outros países em que a pesquisa sobre comunicação tem lugar em institutos privados, no Brasil é basicamente no espaço acadêmico das universidades que se desenrolam as investigações sobre o tema.

> É no âmbito dos programas de pós-graduação que foram e estão sendo titulados os principais quadros para o exercício da docência universitária; treinados pesquisadores; estruturados grupos de pesquisa; e, principalmente, sendo desenvolvida a atividade da pesquisa, na forma da atividade universitária e via natureza de prestação de serviços. Tais fatos nos levam a dizer que no Brasil a pesquisa se constitui

> numa atividade patrocinada e desenvolvida fundamentalmente, através do Estado mediante ações das agências e das universidades. (Fausto Neto, 1996: 83).

E este processo de crescente institucionalização é marcado por uma contradição: ao mesmo tempo em que são criados os programas de pós-graduação especificamente comunicacionais no interior da academia, difunde-se a percepção de que os estudos de comunicação sejam inter- ou mesmo transdisciplinares. E, assim, essa proposta configurou-se como o que Martino (2009) chama de um *"novo paradigma emergente".* Pois, entre tantas divergências e falta de acordo que prevalecem quanto ao que seria o objeto de estudo da área, a ideia de que a Comunicação é uma forma de conhecimento distinta das tradicionais ciências ganha a força de um consenso.

> [...] o pensamento interdisciplinar vai entender que a comunicação não somente é uma forma de conhecimento válida, mas que supera as chamadas formas "tradicionais". Se de um lado a comunicação tinha dificuldades em estabelecer um estatuto científico, era, por assim dizer, menos que uma ciência, ela agora ultrapassa o pensamento científico, para se instaurar além e acima de seus requisitos. (Martino, 2009:134).

Em termos epistemológicos, a discussão sobre o estatuto da Comunicação conquistou maior relevância na pesquisa brasileira a partir dos anos 90. E a partir dos anos 2000 despontam posicionamentos críticos quanto às limitações da proposta interdisciplinar (fragilidade epistemológica, divergências, falta de clareza e etc.), tanto no Brasil (Martino, 2009; Braga, 2010), quanto em outros países da América Latina (Follari, 2012). Nos alinhamos a esses posicionamentos no sentido

de criticar um sentido de interdisciplinaridade específico: o que nega à Comunicação a possibilidade de se configurar como uma disciplina. Consideramos que a interdisciplinaridade como relação entre diferentes disciplinas é um aspecto intrínseco à ciência, mas que a proposta específica que se impõe como crítica às disciplinas é contraprodutiva, ao não sugerir como se daria essa superação da ciência e por trabalhar com uma visão equivocada da ciência. De acordo com essa posição interdisciplinar que criticamos, as disciplinas seriam apenas uma questão de burocracia acadêmica. Ignora-se as razões epistêmicas para sua existência, como a necessidade de elaboração de objetos de estudo específicos, os quais definem uma perspectiva de análise em que cada um das disciplinas pode oferecer maior poder explicativo em relação às demais. Ou seja, não se trata apenas de questões políticas, mas também de demandas de outra instância, a fim de proporcionar maior profundidade e menor dispersão dos conhecimentos produzidos, por exemplo.

E, após essas críticas, nos questionamos qual seria, então, a percepção atual dos pesquisadores da área sobre as contribuições da interdisciplinaridade? A fim de perceber algumas tendências quanto à situação atual da interdisciplinaridade no Brasil na Comunicação, elaboramos um questionário por meio da ferramenta Google Docs, para ser respondido pelo maior número de pesquisadores possível.

Questionário

A opção pela técnica de “questionário” deveu-se à expectativa de realizar um levantamento sobre a percepção atual dos pesquisadores quanto à proposta interdisciplinar. Mas não podemos desconsiderar as limitações intrínsecas a esta técnica de pesquisa: “[...] a obrigação de redigir uma resposta poderá provocar aversão a vários dos interrogados previstos, seja por preguiça ou porque não se sentem capazes: por isso, a taxa de respostas se achará reduzida.” (Laville &

Dionne, 1997:186). Daí termos optado por questões fechadas, ainda que estas nos proporcionem menos elementos como resultado da pesquisa. Cientes das limitações instrínsecas ao instrumento, sabemos que, por se tratar de uma amostra não-probabilística, não é possível generalizar as conclusões. Entretanto, a análise das respostas nos permite traçar um panorama, perceber tendências, ou mesmo possíveis contradições, permitindo também a formulação de hipóteses para investigações posteriores.

Com o propósito de facilitar o acesso às perguntas, o questionário esteve disponível online, o tempo necessário para responder era de apenas alguns minutos e não era preciso se identificar. Para incentivar a participação, foram enviados convites para a lista de e-mails da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – Compós; para a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom, que publicou na newsletter da entidade nota sobre a pesquisa; e para os coordenadores dos programas de pós-graduação em Comunicação. Com isso, conseguimos 241 respostas, no período entre maio de 2013 e janeiro de 2014.

O questionário foi composto por 10 questões, que buscaram englobar todas as possíveis respostas a cada questão, estabelecendo uma gradação entre as opiniões. O objetivo era obter um panorama a respeito do interesse dos pesquisadores em Comunicação pelas discussões epistemológicas, sobre a percepção quanto ao estatuto da área e a importância atribuída à proposta interdisciplinar. As questões 7, 8, 9 e 10 foram incluídas também para nos fornecer informações sobre as origens e vinculações desses pesquisadores, que pudessem complementar a análise. Apresentamos abaixo as questões:

Questionário

1. Considerando o tipo de pesquisa que você faz, qual o grau de importância de discussões epistemológicas?

   a) Muito importante
   b) Importante
   c) Parcialmente importante
   d) Pouco importante
   e) Sem importância

2. No desenvolvimento de suas pesquisas acadêmicas, a Comunicação é considerada pela perspectiva:

   a) Transdisciplinar
   b) Predominantemente interdisciplinar
   c) Parcialmente interdisciplinar
   d) De uma disciplina das ciências sociais.

3. No tocante à epistemologia, você diria que a interdisciplinaridade seria melhor identificada como:

   a) Um avanço e ruptura com os saberes precedentes, como as ciências sociais.
   b) Algo à parte e indiferente às ciências sociais.
   c) Não necessariamente um avanço e que deve ser visto com muita atenção.
   d) Uma perspectiva que pode ser um obstáculo para a inserção da comunicação entre as ciências sociais.
   e) Não tenho opinião formada.

4. A diversidade das pesquisas realizadas pela Comunicação expressa preferencialmente:

a) A vitalidade da área em sua produção teórica.
b) Um sintoma da dispersão e falta de foco da área.

5. Em sua opinião, qual o principal desafio para o desenvolvimento da interdisciplinaridade?

a) Aspectos de fundamentação.
b) Aspectos de aplicabilidade e desenvolvimento metodológico.
c) Vencer resistências políticas hegemônicas.
d) Superar hábitos institucionais.

6. Você já publicou algo sobre interdisciplinaridade, campo ou objeto da área de Comunicação?

a) Sim.
b) Não.
c) Com frequência.

7. Qual sua área de formação?

a) Ciências Sociais.
b) Comunicação.
c) Outras. Qual:

8. Qual sua titulação?

a) Mestre
b) Doutor

9. Há quantos anos possui o título?

a) Menos de 5 anos.
b) Entre 5 e 10 anos.
c) Mais de 10 anos.

10. Em que região do país você atua nas atividades de ensino e pesquisa?

a) Norte
b) Nordeste
c) Sudeste
d) Centro-Oeste
e) Sul

Primeiramente, vamos apresentar os resultados das questões de 7 a 10, que ajudam a conhecer melhor o perfil dos pesquisadores que responderam ao questionário.

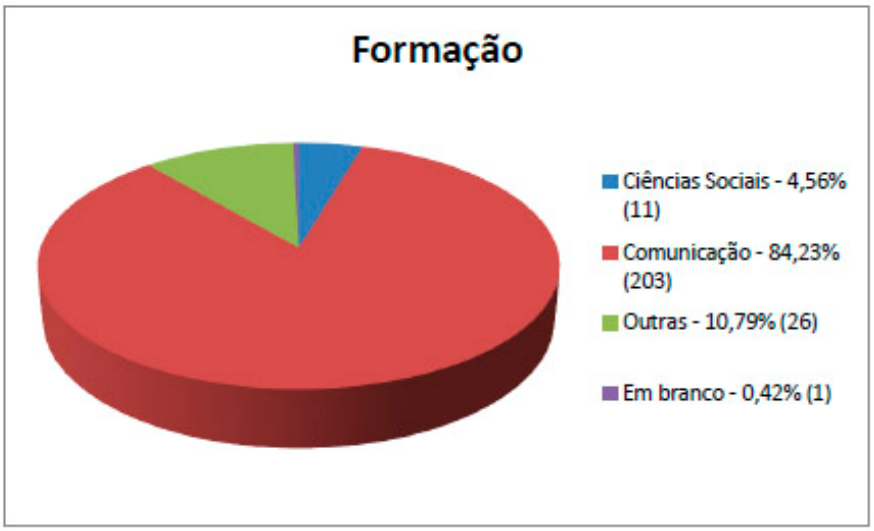

Gráfico 1

No gráfico 1, podemos perceber que a ampla maioria das respostas foi obtida junto a pesquisadores com formação em Comunicação, o que coincide com a nossa expectativa, dada a consolidada institucionalização da área. O dado também coincide com resultado de pesquisa de Donsbach (2006 apud Craig, 2008), em que um levantamento entre os membros da ICA em 2005 mostrou que dois 2/3 deles já tem formação acadêmica em Comunicação. No campo “Outras”, 8 pessoas responderam ter formação parcial na área de Comunicação ou estarem cursando a pós-graduação: Ciências Sociais e Comunicação (3), pós-graduandos em Comunicação (2), Comunicação e Ciências Humanas, graduação em Psicologia e pós-graduação em Comunicação; e Psicologia, Comunicação e Sociologia. As demais áreas citadas foram: História (4), Filosofia (2), Letras (4), Ciência Política (1), Artes (1), Ciências Sociais Aplicadas (1), Design (1), Marketing (1), Administração (1), Tecnologia (1) e Hard sciences (1).

Em relação à titulação (Gráfico 2), a maioria dos respondentes possui o título de mestre: 61%. Outros 34% são doutores e 12 pessoas não responderam (provavelmente por ainda estarem cursando a pós-graduação, uma vez que foi permitido também a esses estudantes responderem às questões).

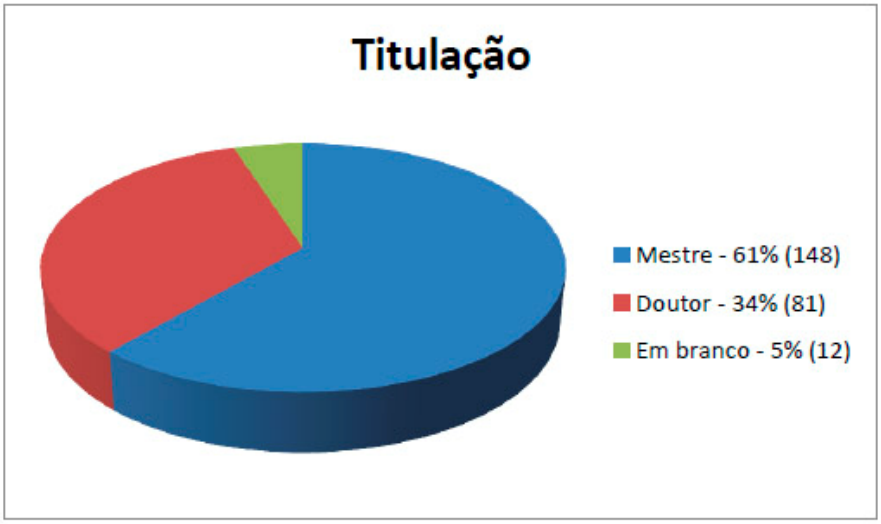

Gráfico 2

Quanto ao tempo de titulação (Gráfico 3), podemos perceber uma maioria de novos pesquisadores, ou seja, com menos de 5 anos entre a data em que responderam à pesquisa e a obtenção do título.

Gráfico 3

Finalmente, a última pergunta relacionada ao perfil dos participantes indica a região do país em que atua o pesquisador (Gráfico 4). O destaque é a Região Sudeste, que concentra mais da metade dos que responderam ao questionário:

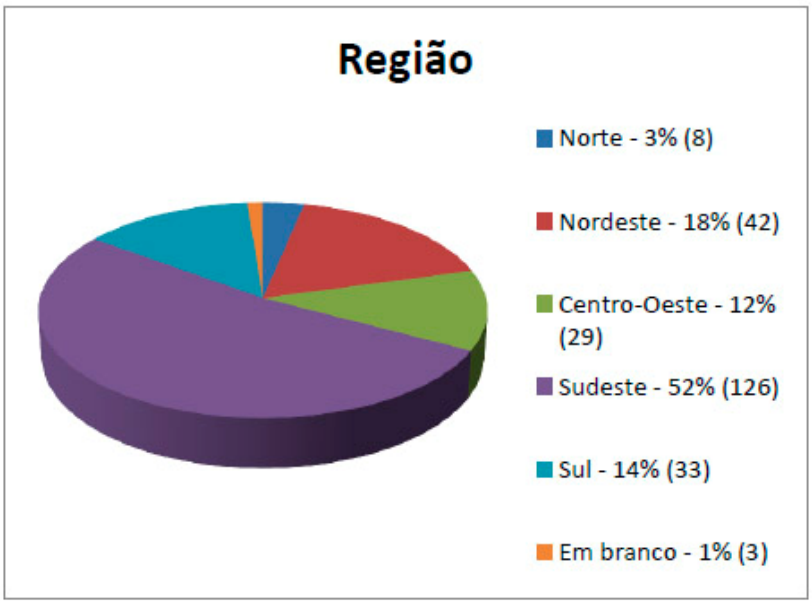

Gráfico 4

Passemos agora à descrição dos resultados relacionados à interdisciplinaridade (Gráfico 5). No que diz respeito à importância da epistemologia para as pesquisas realizadas, todos os que responderam concordaram que é uma discussão relevante: não houve nenhuma resposta “sem importância”. E apenas 3% disseram que é um tema pouco importante. A maioria, 47%, atribuiu muita importância à epistemologia.

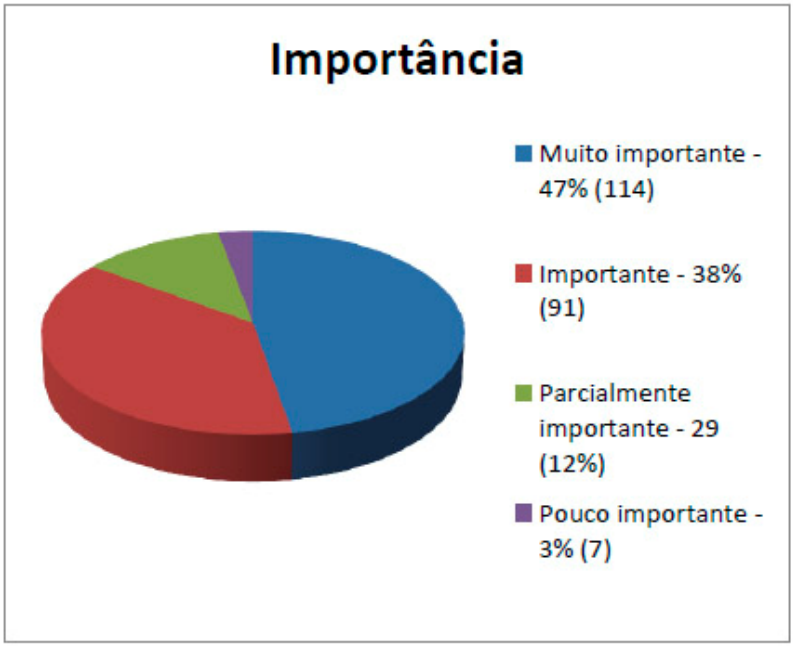

Gráfico 5

No que tange ao estatuto epistemológico da área, perguntamos sob qual perspectiva a Comunicação é considerada nas pesquisas desenvolvidas pelo respondente (Gráfico 6). A maioria deles trata a área como transdisciplinar (34%) ou predominantemente interdisciplinar (41%). Ou seja, quase 75% dos que responderam privilegiam uma perspectiva trans- ou interdisciplinar como estatuto para a área. Apenas 19% dos entrevistados entendem a Comunicação como uma

das disciplinas das ciências sociais. Apenas um entrevistado não respondeu a esta questão.

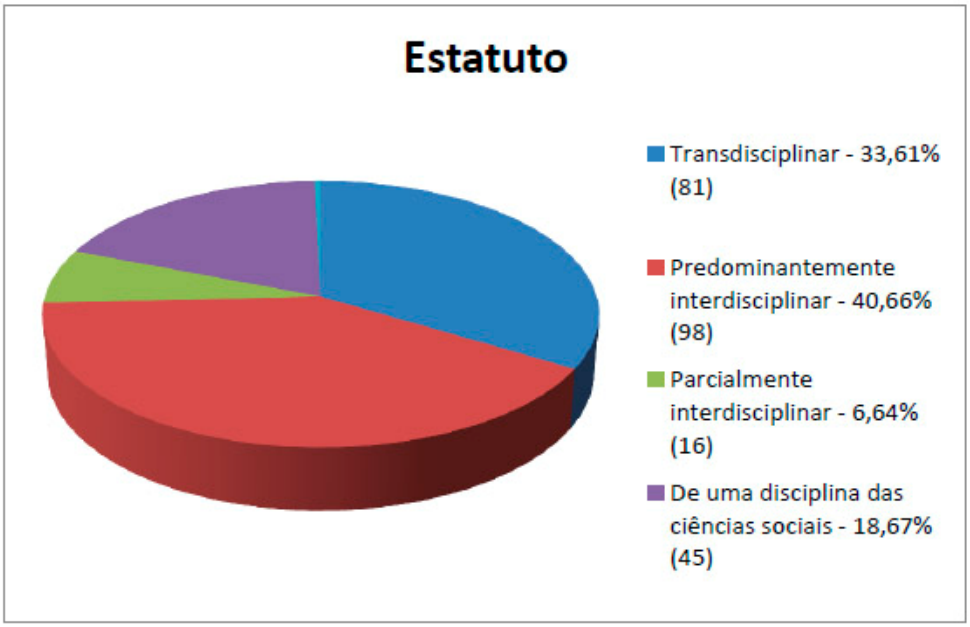

Gráfico 6

Questionamos também como a interdisciplinaridade pode ser melhor identificada, no tocante à epistemologia (Gráfico 7). Ao que 44% dos entrevistados responderam que representa um avanço, uma ruptura com os saberes precedentes, como as Ciências Sociais. Dos que responderam, outros 25% não tem opinião formada, 20% consideram que não necessariamente representa um avanço e deve ser vista com atenção, e 7% entendem que é uma perspectiva que pode ser um obstáculo para a inserção da Comunicação entre as Ciências Sociais. Seis pessoas deixaram a questão em branco.

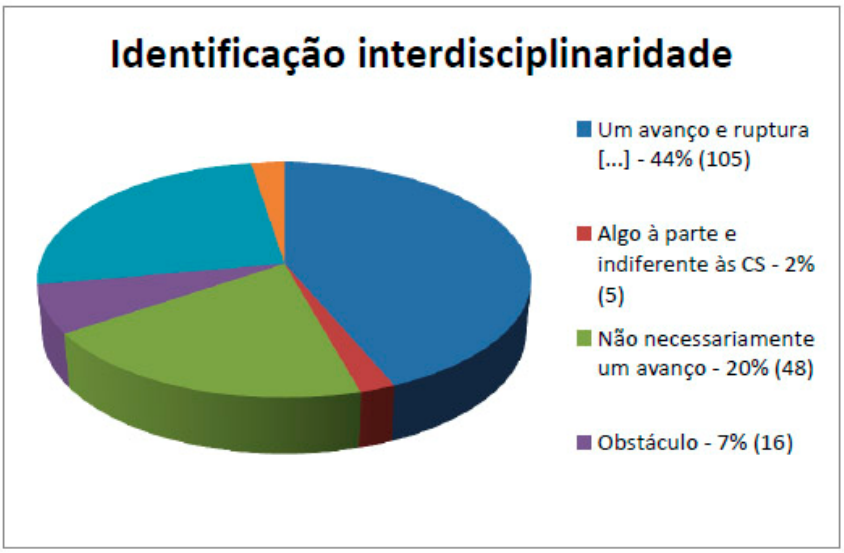

Gráfico 7

Em relação à diversidade das pesquisas da Comunicação (Gráfico 8), a maioria dos entrevistados, cerca de 73%, acredita que se trata da vitalidade da área em sua produção teórica. Os outros quase 27% pensam que a diversidade é um sintoma da dispersão e falta de foco da área. Duas pessoas deixaram em branco.

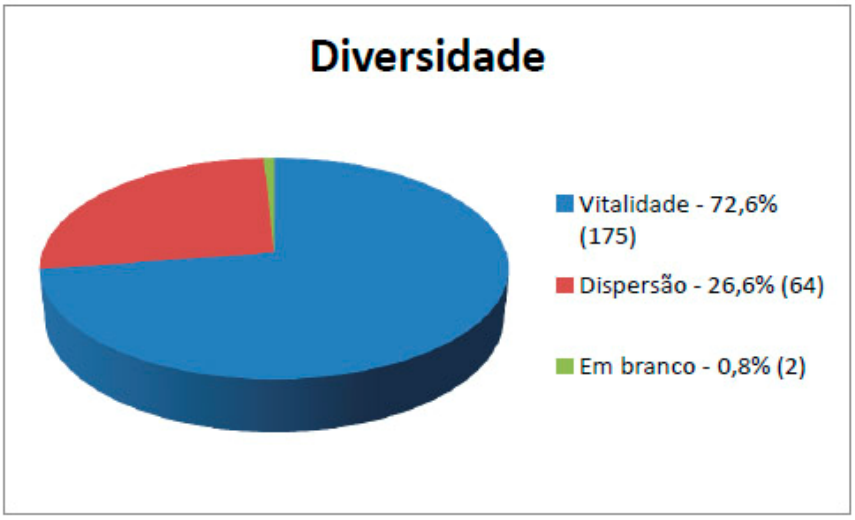

Gráfico 8

Questionados sobre o principal desafio para o desenvolvimento da interdisciplinaridade (Gráfico 9), a maior parte dos entrevistados acredita que os aspectos político-institucionais são o principal problema para a interdisciplinaridade: 23% marcaram “Vencer resistências políticas hegemônicas”, e 26% escolheram a opção “Superar hábitos institucionais”. Já para 30% dos que responderam, o principal desafio tem a ver com aspectos de aplicabilidade e desenvolvimento metodológico. E 20% apontaram os aspectos de fundamentação. Três entrevistados não opinaram.

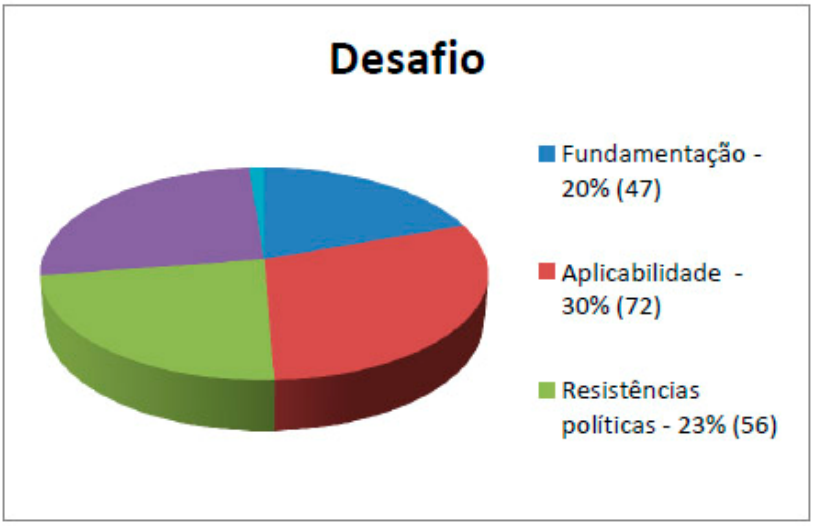

Gráfico 9

Questionados sobre já terem publicado trabalhos a respeito de interdisciplinaridade, campo ou objeto da Comunicação (Gráfico 10), 49% responderam que sim, sendo que 3% do total de entrevistados afirmou que publica com frequência sobre esses temas. Mas, apesar das características da área em termos de ausência de fundamentação, um número expressivo dos participantes disse nunca ter publicado sobre interdisciplinaridade, campo ou objeto comunicacional: 47%.

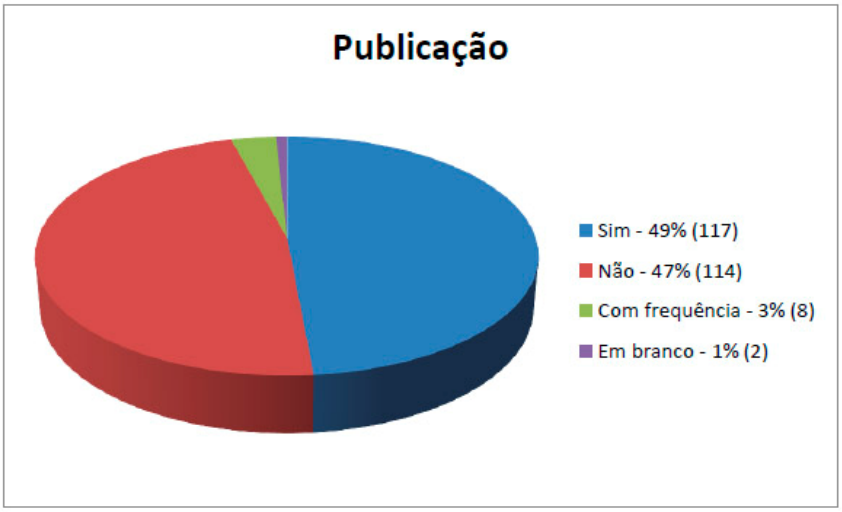

Gráfico 10

Análise

Entre os pesquisadores mais jovens, os 165 que marcaram que têm menos de 5 anos de titulação, 74 responderam que são muito importantes as discussões epistemológicas, e 64 consideram importantes. Dos 34 que declararam ter entre 5 e 10 anos de titulação, 19 consideram muito importante, e 11 importante. No grupo dos mais experientes (mais de 10 anos), composto por 30 entrevistados, 15 declararam ser muito importante e 13 importante. Proporcionalmente, o grau de importância teve uma tendência de crescimento de acordo com o tempo de titulação: 84% no primeiro grupo marcaram “muito importante” ou “importante”; 88% no segundo; e 93% no terceiro.

Dos 205 pesquisadores que consideram muito importantes ou importantes as discussões epistemológicas, 74 consideram a Comunicação como transdisciplinar e 82 como predominantemente interdisciplinar. Ou seja, 156 dos 205 pesquisadores que consideram a discussão epistemológica relevante acreditam que a área não é nem uma disciplina científica e nem tampouco que a

Comunicação seja apenas parcialmente interdisciplinar. Isso significa que 76% dos que atribuem importância aos aspectos epistemológicos trabalham com uma concepção da área trans- ou interdisciplinar, que, na verdade, é pouco afeita aos princípios norteadores do debate epistemológico, pois os termos-chaves dessa reflexão (ciência, disciplinas, teoria, método...) ficariam sem sentido. O que soa contraditório. Se não somos uma ciência, por que discutiríamos seus fundamentos?

A maioria dos que responderam – cerca de 75% dos entrevistados – considera a Comunicação transdisciplinar ou predominantemente interdisciplinar, coincidindo com nossa hipótese acerca de que este é um dos poucos consensos da área, operando como um paradigma. Entretanto, podemos perceber que a identificação desta interdisciplinaridade como "avanço e ruptura com os saberes" cai para 44% das respostas. Mas há um alto grau de incerteza quanto a essa proposta, pois 25% não têm opinião formada e outros 20% tem reservas a respeito. Mesmo assim, apenas 7% dos que responderam estão seguros de que poderia ser um obstáculo à formação de uma disciplina comunicacional. Ou seja, prevalece a visão de que a interdisciplinaridade seja um avanço e uma ruptura (44%), o que coincide com a preferência pela trans- e interdisciplinaridade, mas chama a atenção o significativo percentual de 25% que não tem uma compreensão suficientemente clara do que representa essa perspectiva. Das 61 pessoas que não têm opinião formada, 43 responderam que a área é trans- ou interdisciplinar, o que representa 70% do total dos que estão em dúvida. A incerteza é maior, portanto, entre os que optam por considerar esse estatuto diferenciado.

Da mesma forma, o fato de 73% dos que responderam ao questionário identificarem na diversidade a "vitalidade da área em sua produção teórica" também indica que uma das causas da visão interdisciplinar continuar bastante presente entre os pesquisadores da área. Ao identificarem uma variedade

inconciliável de temáticas e se recusarem a abrir mão desta diversidade, muitos apelam para a interdisciplinaridade como uma possível explicação e justificativa para este estado. De fato, dos 175 que veem a vitalidade da área na diversidade, 65 acreditam que a perspectiva transdisciplinar é a que melhor define a Comunicação, e outros 79 a entendem como predominantemente interdisciplinar. Ou seja, 82% dos que compreendem a dispersão como vitalidade também defendem que a Comunicação seja trans- ou predominantemente interdisciplinar. Apenas pouco mais de 25% dos pesquisadores que responderam identificam a diversidade como "um sintoma da dispersão e falta de foco da área". Curiosamente, os que disseram que a Comunicação pode ser melhor identificada como trans- ou predominantemente interdisciplinar também são maioria entre os que apontam a diversidade como dispersão: 33 de 64 que escolheram essa alternativa, o que representa quase 52%. Talvez possamos entender que, mesmo entre os que identificam as consequências problemáticas que uma diversidade pouco sistematizada possa trazer, mesmo entre esses pesquisadores prevalece a visão de que área seja interdisciplinar, por força do consenso que se instaurou.

Dos 45 que consideram a Comunicação como uma disciplina das ciências sociais, 38 tiveram pelo menos parte da formação em Comunicação, quatro tem formação apenas em Ciências Sociais, um em História, um em Letras, e um em Ciência Política. Um dado que chama a atenção é que 11 entre esses 45 que acreditam que a Comunicação seja mais uma das disciplinas das Ciências Sociais, afirmaram que a interdisciplinaridade pode ser considerada como "Um avanço e ruptura com os saberes precedentes, como as Ciências Sociais". O item foi pensado para descrever a postura mais radical em relação à interdisciplinaridade – a perspectiva que se opõem às disciplinas e as ciências. Então, podemos fazer duas leituras do resultado: ou que a pergunta não foi suficientemente compreendida; ou que, mesmo entre os que entendem a Comunicação como uma disciplina, permanece um mal-estar quanto a esse estatuto.

Dos 203 que responderam ter formação em Comunicação, 70 consideram a área como transdisciplinar, e 83 como predominantemente interdisciplinar. Ou seja, mesmo entre os pesquisadores que já têm formação exclusivamente na área de Comunicação, a maioria (75%) considera a área interdisciplinar.

Entre os que responderam ao questionário, 47 disseram que o principal desafio para a interdisciplinaridade relaciona-se à fundamentação. Isto é, reconhecem que a proposta ainda não está bem formulada. Desses, 17 acreditam que a área é transdisciplinar, 18 que seja predominantemente interdisciplinar, para três é parcialmente interdisciplinar e para outros 9 uma disciplina das ciências sociais. Novamente, chama a atenção que mesmo partidários da proposta reconheçam a ausência de fundamentação. Um número ainda mais expressivo de pesquisadores, 72, apontou que o principal desafio diz respeito à aplicabilidade e ao desenvolvimento metodológico. Dos 72, 18 acreditam que a área seja transdisciplinar, 32 predominantemente interdisciplinar, 5 a veem como parcialmente disciplinar e para 17 é uma disciplina. Temos, portanto, uma percepção generalizada de problemas quanto às questões metodológicas.

	Natureza do Conhecimento Comunicacional				
	Transdisciplinar	Predominantemente interdisciplinar	Parcialmente interdisciplinar	Disciplina	Total
Fundamentação	17	18	3	9	47
Metodologia	18	32	5	17	72
Hábitos institucionais	27	22	4	10	63
Resistências políticas	19	25	3	9	56
Total	81	97	15	45	

Tabela 3

Quanto aos outros dois itens listados para escolha entre os possíveis desafios, 63 optaram por “superar hábitos institucionais” e 56 marcaram “vencer resistências políticas hegemônicas”. Dos 63 que citaram os hábitos institucionais, 27 marcaram a perspectiva transdisciplinar e 22 a predominantemente interdisciplinar, a maioria, portanto. Quatro selecionaram parcialmente interdisciplinar e 10 acreditam que a área é uma disciplina. Entre os 56 que acreditam que os desafios estão numa dimensão ainda mais ampla, a das resistências políticas, 19 acreditam que o estatuto da área é transdisciplinar; 25, predominantemente interdisciplinar; 3, parcialmente interdisciplinar e 9, uma disciplina.

A distribuição das diferentes perspectivas quanto aos desafios se mantém semelhante: trans- e predominantemente interdisciplinar representam cerca de

70% dos pesquisadores em todos os quatro desafios. Não é possível, portanto, estabelecer uma correlação entre uma maior preocupação epistemológica, teórica e metodológica entre os que entendem a área mais próxima de uma disciplina. Assim como não podemos dizer que os que optam pela perspectiva trans- e predominantemente interdisciplinar estejam indiferentes aos aspectos de fundamentação e metodologia.

Considerações finais

Sintezando as diferentes análises acima – os resultados do questionário, juntamente com o exame crítico da literatura pertinente aos temas epistemológicos da área da Comunicação, gostaríamos de pontuar algumas questões que consideamos importantes:

- A interdisciplinaridade constitui-se para a Comunicação com a força de um paradigma emergente por volta dos anos 90;

- As críticas que começaram a despontar nos anos 2000 com maior força já são razoavelmente conhecidas;

- Logo, não deveria haver mais espaço para posicionamentos ingênuos de que o estatuto da área de Comunicação poderia se sustentar em um vale-tudo interdisciplinar ou prescindir de fundamentação;

- Os principais pesquisadores que se dedicam à epistemologia se repartem entre duas posições irreconciliáveis: os esforços para fundamentar a disciplina pelas vias conhecidas epistemologicamente – a minoria deles –, e as tentativas de justificar e fundamentar um estatuto sui generis, trans- ou interdisciplinar – a maioria;

- Contraditoriamente, ainda que as críticas sejam crescentes e as limitações cada vez mais evidentes, a interdisciplinaridade ainda desponta com a força de um consenso para a maioria.

  Ou seja, ainda que haja muito incerteza quanto ao que seria propriamente este estatuto interdisciplinar e que existam cobranças de que isso não signifique que qualquer postura é válida[3], a resposta imediata à questão de nosso estatuto ainda é: trans- ou interdisciplinar. Isso nos parece preocupante especialmente pelo fato de que a Comunicação encontra-se institucionalizada e que essa defesa da interdisciplinaridade se dê justamente nos espaços acadêmicos: universidades, congressos, publicações...

  Daí considerarmos pertinente – e urgente – que discutamos esse estatuto, mas privilegiando a instância epistemológica neste debate – em detrimento da análise pura das relações de poder. Apenas esse debate poderia nos proporcionar maior clareza e fundamentação, condições necessárias ao trabalho científico sério e com rigor.

[3] Mesmo entre os defensores da proposta trans- ou interdisciplinar há a defesa de maior rigor. Ver, por exemplo, Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2000-2001, 2003, 2006).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Braga, J. L. (2010). Disciplina ou campo? O desafio da consolidação dos estudos em Comunicação. In: Ferreira, J., Pimenta, F. J. P., & Signates, L. (orgs.). *Estudos da Comunicação: transversalidades epistemológicas*. (1ª ed.) vol. 1, pp. 19-38. São Leopoldo: Editora Unisinos.

Craig, R. T. (2008). Communication As a Field and Discipline. In: Donsbach, W. (ed). *The International Encyclopedia of Communication*. Blackwell Publishing, Blackwell Reference Online. 24 January 2013. pp 675-688. Acesso em: 24 jan 2013. Disponível em: http://www.communicationencyclopedia.com/public/book.html?id=g9781405131995_yr2012_9781405131995.

Fausto Neto, A. Condições da Pesquisa em Comunicacao no Brasil. *Revista Famecos,* Famecos/PUC/RS 1996.

Follari, R. (2005, junio) La Interdisciplina Revisitada. *Andamios. Revista de Investigación Social*. *1*(2). Universidad Autónoma de la Ciudad de México, Distrito Federal, México, (pp. 7-17). Acesso em: 12 dez 2012. Disponível em: http://redaclyc.uaemex.mx.

Laville, C., & Dionne, J. (1997). *A Construção do Saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.* Belo Horizonte: Editora UFMG.

Martino, L. C. (2009). Ceticismo e interdisciplinaridade: paradoxos e impasses da teoria da comunicação. *Revista Argentina de Comunicación*, *3*, 125-136.